

# Programa de Formação Permanente

2015 Interioridade agostiniana

4. Um Mundo de ruídos.  
Oportunidades para o silêncio





**UM MUNDO DE RUÍDOS, MILHÕES DE  
OPORTUNIDADES PARA O SILÊNCIO. A  
EXPERIÊNCIA DOS JOVENS**

**DE APRESENTAÇÕES E CONTEXTOS**

Olá, queridos leitores.

Sou M<sup>a</sup>. Isabel García Moreno, mais conhecida entre os membros da minha grande e bela família agostiniana recoleta como Isa. Atualmente, exerço o cargo de coordenadora nacional da JAR na Espanha (Zona Sul) e sou membro participante de duas comunidades de jovens JAR. Em poucas palavras, sou mais uma jovem cristã, disposta a deixar-se moldar pelas mãos de Deus. Por acaso... existe alguma coisa mais bonita do que isso?

O motivo por que estou aqui, fazendo-me presente através destas humildes linhas, é o de tentar dar vida a um importante tema que se me encomendou faz algum tempo: “A interioridade num mundo carregado de ruídos (no que diz respeito aos jovens)”. “Que responsabilidade, já que meus irmãos confiam em mim!” (Foi a primeira coisa que pensei, sejamos sinceros). Aqui estou, porém, cheia de entusiasmo, com um grande sorriso e... desejando começar.

Abordarei o tema num prisma totalmente pessoal, experiencial, e de forma muito simples e compreensível. Mesmo assim, caso não o consiga, de antemão lhes peço desculpas.

Se me permitirem, antes de começar, ponho-me nas mãos de Deus para que eu saiba ser instrumento de fé para todos os meus irmãos e Ele me ajude a plasmar

neste papel em branco o que habita no mais profundo do meu ser (momento de silêncio para encontrar-me com Deus).

E já estou eu aqui de novo! Depois desse momentinho de silêncio e com a ajuda d'Aquele "lá de cima" (que é grande), nada pode ir mal. Não acham?

Em primeiro lugar, devemos perguntar-nos o que entendemos nós, os jovens de hoje em dia, por interioridade. Poderíamos procurar num dicionário ou no Google (para sermos mais modernos) o significado dessa palavra, mas... não se trata de procurar uma definição formal e correta, e sim de procurar um sentido fiel e autêntico!

Para mim, como jovem cristã, a interioridade é o encontro vivo com Deus. Certo é que cada pessoa, com quem nos encontramos na vida, é uma peça desse quebra-cabeça que configura o rosto de Deus, e que cada uma dessas pessoas é necessária em nossas vidas (inclusive quando não somos capazes de vê-lo desse jeito). Às vezes, porém, Deus deseja 'loucamente' esse encontro pessoal e individual com cada um de nós. E digo 'loucamente', porque Ele é um 'louco enamorado' de cada um de nós.

A interioridade, esse encontro com Deus, não é fácil. Supõe estarmos em silêncio e sermos capazes de escutar a voz do Pai; mostrar-Lhe os nossos medos, temores, erros, debilidades... Em definitiva, o nosso ser.

Muitos são, contudo, os ruídos que nos impedem de desfrutar esse silêncio pleno e total (a moda, a televisão, as novas tecnologias, os caminhos impostos pela sociedade, o simples 'tiririri' de uma mensagem de WhatsApp etc.). Mas... Deus é paciente e sabe esperar esse encontro com cada um de nós.

Para que esse encontro seja frutífero, tem de ser desejado por ambas as partes. É evidente que Ele o deseja. Falta apenas, então, o desejo da nossa parte. O que estamos esperando?

Em segundo lugar, cabe perguntar-se quem pode ser capaz de conseguir esse encontro com Deus. Pois bem, a resposta resulta bem simples: você, eu, todos, sem exceção! Basta desejá-lo e abrir, não os ouvidos, mas a alma e o coração à Palavra de Deus.

Para Ele, cada um dos nossos pensamentos é um tesouro de inigualável valor. Ele acolhe com carinho tudo quanto você deseja depositar em Suas mãos e, é claro, fala com você. O "coitado" já deve estar afônico, porque a voz d'Ele não é sussurrante nem débil, mas forte e profunda. Ele grita que nos ama a cada dia e de mil maneiras diferentes, mas o problema não é o tom nem a intensidade da voz d'Ele, mas a densidade da nossa surdez interna.

Ora, também é importante indicar que interioridade não é apenas sinônimo de oração. É certo que a interioridade inclui dito aspecto, mas... este não a esgota como via única e exclusiva! Interioridade é uma realidade que engloba muito

mais. Seu significado é muito mais amplo que simplesmente oração. Interioridade implica a capacidade de encontrar Deus em tudo quanto se empreende ou se faz.

Ditas essas palavras, ao modo de introdução, cabe agora salientar alguns daqueles ruídos que se fazem presentes em nosso cotidiano. Para uma exposição mais simples, eu os enumerarei e falarei um pouquinho de cada um. Espero que gostem.



*A interioridade, esse encontro com Deus, não é fácil. Supõe estarmos em silêncio e sermos capazes de escutar a voz do Pai; mostrar-Lhe os nossos medos, temores, erros, debilidades...*

## **O RUÍDO DAS NOVAS TECNOLOGIAS**

### **1. De telefones móveis, tablets e outras coisas**

Começaremos com uma simples pergunta: quem de nós não dispõe de telefone móvel ou de computador? Essas ferramentas (por muitos qualificadas como sendo ‘de trabalho’ e ‘muito úteis’) estão substituindo o fascinante mundo da comunicação verbal e da capacidade de escuta a uma velocidade vertiginosa. Como disse anteriormente, se cada uma das pessoas desse mundo é obra de Deus, por que perdemos a oportunidade de falar e de comunicar-nos cara a cara com cada uma de Suas criações?

Aplicativos tão simples de utilizar como WhatsApp (conhecido mundialmente), são um contínuo ruído em nosso diário quefazer. Tornaram-se uma necessidade para todo ser humano.

Como jovem, observo os estragos desses meios de comunicação. Quando ando de ônibus ou simplesmente caminho pela rua, é raro observar uma única pessoa que não esteja utilizando um telefone ou um tablet. Qualquer minuto é bom para um *chat* ou para adiantar trabalho. Minha pergunta, entretanto, vai além: por que não somos capazes entrar num ‘chat’ com Deus e dedicar esses minutos para adiantar trabalho no que diz respeito à nossa alma e à fé?

É verdade que Deus não dispõe de um telefone nem de outro meio eletrônico, muito embora suas mensagens sejam contínuas e sonoras. Mesmo assim, optamos pelo caminho mais fácil: desligar o telefone da nossa vida e responder com um simples: ‘O número chamado não está disponível neste momento. Por favor, deixe sua mensagem após o sinal. Obrigado’.

Todos e cada um de nós passamos a vida postando fotos em redes sociais, tais como Facebook, e fazendo o mundo inteiro partícipe da nossa vida (inclusive os amigos dos amigos dos nossos amigos). E Deus? Nós O fazemos partícipe da nossa vida? Devemos ser mais observadores, pois a maioria das curtidas ou dos comentários que existem em nossa vida vem d’Aquele ‘lá de cima’.

Talvez não sejam visíveis aos olhos dos demais; mas, se você for capaz de vê-los, algum dia os seus amigos (e os amigos dos seus amigos) também se unirão a essa ‘curtida’ de Deus e começarão a segui-l’O.

Não se trata de inutilizar as novas tecnologias, pois temos de reconhecer que elas têm muitos aspectos positivos (especialmente em termos de nível informativo, social e cultural). Trata-se simplesmente de incluir Deus em tudo o que eu faço. A mais bela oração do mundo é levar Deus com você em cada um dos seus projetos (por mais simples que eles sejam).

## **2. O fantástico mundo da ‘babá eletrônica’**

A televisão é outro desses ruídos que continuamente nos perseguem. Hoje em dia temos centenas de canais televisivos para entreter-nos. Todos eles oferecem séries, filmes, programas, *reality shows*, milhões e milhões de anúncios que nos incitam a consumir (de um simples detergente anunciado por uma mulher do futuro até o automóvel que é capaz de fazer você sentir que pode voar). E poderíamos continuar com um longo etc.

O único que realmente importa para a televisão é ver que canal tem o maior índice de audiência. Infelizmente, quanto pior a qualidade do oferecido, maior o número de telespectadores.

A televisão trata de oferecer-nos muita informação no curto prazo. Dessa forma, a nossa mente se mantém ocupada pensando em milhares de ‘bobagens’ e esquecendo as coisas que realmente são fundamentais em nossas vidas.

Deus não tem um canal de televisão próprio, mas você pode apertar a tecla ‘off’ do seu controle remoto terreno e apertar o ‘on’ do diálogo com Deus (a interioridade). Quiçá seu índice de audiência não seja notícia de última hora nos meios informativos nem manchete das grandes revistas, mas é essencial para cada uma das nossas vidas. A informação que Deus nos oferece é de uma qualidade insuperável. Ele só nos pede que sejamos capazes de dedicar tempo a cada palavra, a cada gesto... Desse modo, seremos capazes de escutá-l’O no silêncio.



*Vivimos sometidos a unos cánones de belleza que nada tienen que ver con los cánones de Dios. Cuidar nuestro cuerpo es importante, pero igual de importante debe ser valorarlo, admirarlo y, sobre todo, amarlo.*

## O CONSUMISMO E A MODA

Hoje em dia, temos milhões de produtos a escolher. Basta sair à rua e comprovar a quantidade de lojas que existem. A cultura do ‘vou comprar quando realmente precisar ou me fizer falta’ perdeu-se por completo, imperando na atualidade comentários tais como ‘preciso disso e desejo aquilo’, ‘é primordial para minha vida e para que eu me sinta bem comigo mesmo’, ‘fulano ou beltrano têm, eu não posso ficar para trás’...

Baseamos a nossa felicidade em coisas pequenas e efêmeras, que desaparecem em questão de segundos: ter o melhor perfume, a joia mais bonita, o melhor carro, a melhor casa, o melhor corpo, roupa de marca, cremes que prometem fazer desaparecer aquelas primeiras rugas e tirar-lhe das costas os últimos dez anos...

Às vezes, ante esse ritmo vertiginoso, paro para pensar: o que está acontecendo, meu Deus? Em que estamos falhando? Por que, para os jovens da minha idade, é muito mais importante do que qualquer coisa cultivar o corpo para sentir-se mais seguro de si mesmo? E do nosso espírito, quem vai cuidar? A sociedade incita-nos a viver o momento aqui e agora e, se isso acarretar renunciar à nossa essência, então... renunciemos. O importante é ir atrás da moda.

Reconheço que me causa uma inevitável tristeza contemplar os caminhos que às vezes seguimos simplesmente porque neles já existem pegadas e temos certeza de que alguém já se enveredou por ali. Numa primeira impressão, parecem caminhos mais fáceis de empreender, pois a via já foi aplainada. Nem sempre, porém, os caminhos com sinais evidentes da passagem de alguém são os melhores.

Deus espera algo diferente de nós como, por exemplo, potencializar a nossa personalidade (da qual Ele nos dotou para fazer-nos únicos, inigualáveis e irrepetíveis) e fomentar esse imenso amor que sentimos por Ele e por cada uma de Suas obras. Para isso, às vezes, é necessário enveredar por caminhos que visivelmente não têm pegada alguma, mas que marcam o seu coração para sempre.

Muitas vezes, tendemos a enfeitar o nosso corpo com muita e variada roupa, a cuidar dele de forma exagerada e obsessiva (submetendo-nos a sessões de academia eternas sob o lema 'para ficar bonita(o), tenho que sofrer'). Vivemos submetidos a padrões de beleza que nada têm a ver com os padrões de Deus. Cuidar do nosso corpo é importante, mas tão importante como isso deve ser valorizá-lo, admirá-lo e, sobretudo, amá-lo (pois você é obra de Deus, criada à Sua imagem e semelhança).

Por outro lado, quando nesse procedimento de cuidado exaustivo do nosso corpo, esquecemos a dimensão espiritual da pessoa, a nossa beleza será débil, supérflua e superficial. Devemos ser capazes de cuidar do nosso corpo e do nosso espírito, já que a pessoa toda é o templo mais sagrado de Deus.

Existe uma frase bem agostiniana e bem típica que diz: 'Não é mais rico quem mais tem, mas quem de menos coisas necessita'. Nós não acreditamos nisso. Se vocês me permitirem, gostaria de criar a minha própria frase e exclamar: 'Não é mais rico quem mais tem, mas quem é capaz de encontrar-se com Deus em seu coração e de amá-l'O eternamente'.

Santo Agostinho era um buscador incessante da verdade, do verdadeiro ‘eu’. Para isso, procurava continuamente em seu interior. Era precisamente lá onde podia encontrar as respostas para as suas perguntas, dúvidas e incertezas. Hoje em dia, nós, jovens, tendemos a procurar respostas fora do nosso ser e a focalizar a nossa busca no exterior. A cultura do fácil impera sobre a cultura do esforço que, em definitiva, é a cultura do verdadeiro encontro com Deus.

## **O INDIVIDUALISMO E A FALTA DE EMPATIA**

Chegados a este ponto, não posso evitar recordar as palavras da minha avó quando dizia: “A geração de vocês não descobriu o sentido pleno da palavra felicidade. Nós, em épocas de guerra e sem ter nem sequer o que comer, éramos muito mais felizes do que vocês. Tínhamos Deus em nossas vidas e todos os irmãos tratávamos de ajudar-nos”. Como são sábias as palavras dos nossos maiores, não é mesmo? Minha avó mal sabia ler e escrever. Contava, porém, com a cultura da fé e do encontro vivo com Deus. Sem sombra de dúvida, um lindo diploma de vida!

Hoje em dia, a nossa sociedade está repleta de pequenos ruídos que nos fazem encerrar-nos em nós mesmos, sem que sejamos capazes de fomentar aspectos tão importantes como a empatia, a capacidade de sentir o que o nosso irmão sente. Alguns desses ruídos até podem ser agradáveis aos nossos ouvidos, mas nem por isso deixam de ser ruídos.

Em muitas ocasiões, o ruído que os outros encontram em seu coração precisa ser acalmado pelo nosso silêncio. O que esperamos? Compartilhar com os irmãos também é sinal evidente de interioridade.

O verdadeiro problema não radica em estar em casa e escutar os ruídos que faz o nosso vizinho do andar de cima ao limpar a sua casa, nem em estar na rua e escutar os motores dos carros ou o contínuo burburinho das pessoas. O verdadeiro problema vai muito além. Às vezes (na maioria das vezes), quando estamos em silêncio, nós mesmos nos encarregamos de buscar qualquer insignificante ruído (como, por exemplo, o simples zunzunar de um mosquito) para desviar a atenção da alma, evitando assim o encontro com Deus.

Muitos de nós tratamos de resguardar os nossos lares ou locais de estudo/trabalho para evitar o incômodo do ruído externo, mas... o problema é realmente o ruído externo ou o interno? Trata-se tão somente disso ou, de fato, o que procuramos, apenas e exclusivamente, é não termos de sair do nosso entorno?



Poderíamos contar com os melhores padrões de proteção sonora, janelas de vidro duplo, protetores auriculares... e, mesmo assim, continuaríamos escutando ruídos que nos impedem de caminhar em direção à tão ansiada interioridade. Em minha opinião, preferimos fazer ouvidos moucos tanto aos nossos próprios ruídos como aos dos demais. Muito já temos com os nossos próprios problemas para preocupar-nos agora com o ruído dos outros! (Esse costuma ser um dos pensamentos generalizados).

Mesmo assim, só quando existir essa comunhão entre os irmãos, o ruído desaparecerá. Como chegar ao silêncio se cada um de nós não é capaz de ver o ruído do mundo?

A sociedade individualista em que vivemos hoje é consequência da vida que levamos. Para chegarmos, portanto, a essa ‘melodia espiritual’, devemos primeiro ser capazes de apreciar e de identificar cada um dos ruídos que encontramos em nosso dia a dia. Só assim, e em equipe, conseguiremos o nosso objetivo. O silêncio e o recolhimento interno deve ser um dos pilares mais fortes das nossas vidas.

Muitos jovens (e adultos também) ficam incomodados com o silêncio. O silêncio faz com se sintam nervosos. A solução não consiste em inclinar-se pela via oposta (a do ruído e do burburinho), mas em tentar procurar a forma de se estar sereno, tranquilo, relaxado e feliz. Cada pessoa é diferente em seu encontro vivo com Deus. As formas ou mecanismos de chegar a Ele podem ser diversos, mas o silêncio é pauta comum para todos.

A rotina que marca o nosso dia a dia impede-nos de participar diretamente dessa espiritualidade da alma. O mundo está marcado por esse individualismo a que me venho referindo desde o princípio deste ponto. Os horários dos colégios, universidades e trabalhos, nossas obrigações e deveres cotidianos, os milhões de atos sociais que temos no curso do ano... Tudo impele a esse vazio, a essa solidão curiosamente cheia de ruídos. Qualquer escusa é boa para evitar aquele encontro consigo mesmo e com Deus.

Devemos ser capazes de puxar o ‘freio de mão’ em nossa vida para dar-nos o privilégio e a oportunidade de conhecer-nos e de mostrar-nos tal como nós somos, sem medo de que nos julguem ou nos qualifiquem. Só quando formos capazes de conhecer-nos (em nossos pontos fortes e fracos), estaremos preparados para escutar Deus e entabular com Ele aquele diálogo de filho para Pai e de Pai para filho.

É muito comum utilizar a música, hoje em dia, para tudo o que fazemos (de novo, outra prática social e generalizada de individualismo): para estudar ou trabalhar, música clássica ou relaxante; para fazer esporte, música motivadora; para vestir-me quando estou para sair, música de festa; quando estou triste, música

sentimental... E eu poderia continuar numa longa enumeração. A questão é ocupar a nossa mente com a música. Se a nossa mente estiver ocupada, não passará pelo coração; e, se não passar pelo coração, não chegará à interioridade de que tanto falamos.

Pessoalmente, e como parte desta família agostiniana recoleta, eu prefiro desligar essa música 'social' e dançar ao ritmo marcado por Deus. As danças d'Ele são perfeitas para a minha vida. Desconheço como Ele o faz, mas é um exímio bailarino e sempre consegue agarrar-me com segurança para que eu não caia em meus vacilantes passos de baile.

É trabalho de todos que convertamos esses ruídos (disfarçados de doce melodia) em verdadeira música para nossos ouvidos, alma e coração.



*O fato de ser um jovem de fé, capaz de crer apenas numa Verdade, rompe com os parâmetros da moda atual (a de 'não crer em nada' ou a de 'crer em tudo'). Essa situação converte-nos muitas vezes em alvo de risos ou de chacotas pelo simples fato de quisermos seguir a Deus e amá-l'O com todo o nosso ser.*

## O RELATIVISMO

Talvez seja esse um dos ruídos mais sonoros e fortes que habita em nosso dia a dia (ainda que, todavia, se filtre sigilosamente em nossas vidas). Vivemos numa sociedade em que tantas verdades há como pessoas. O verdadeiro problema é que, muitas vezes, especialmente nós, jovens, tendemos a confundir opinião com

verdade. No que diz respeito a Deus e à moral, tudo (absolutamente tudo) é possível no momento atual.

Em relação a essa ideia, lembro-me com carinho de uma frase do famoso filme sobre um menino e um tigre (*A vida de Pi*). O pai do jovem costumava dizer-lhe (ante as inquietudes daquele na busca do sentido da sua fé) que crer em muitas coisas significa não crer em coisa alguma. O risco desse relativismo poderia dar lugar a um inconsciente agnosticismo; ou seja, a pôr em dúvida a capacidade de o ser humano conhecer a verdade objetiva.

O relativismo opta por um pensamento por demais simples e singelo para alguém que seja ‘inquieto de coração’: ‘Tudo depende de cada indivíduo ou de cada situação’. Essa forma de pensar acarreta, por sua vez, um segundo risco: ‘Isso é bom ou mau porque eu decido assim. Portanto, sou eu quem determina o que se há de fazer ou não em cada situação’. Tomado pela mão do relativismo, qualquer possível princípio moral e religioso desaparece.

Como jovem, pergunto-me: Se tudo é verdade conforme a nossa opinião, como chegar alguma vez àquela verdade absoluta? As opiniões e as circunstâncias da vida são mutáveis e diferem conforme o momento. Não podemos deixar-nos levar por uma fé débil e imatura (sujeita às circunstâncias de tempo e lugar), que mudem de acordo com o parecer de cada um. Necessitamos de uma fé forte, madura e responsável, sólida, capaz de superar qualquer indício de relativismo.

O relativismo é fiel companheiro do individualismo a que anteriormente nos referíamos (justifica-o e aplaina-lhe o caminho). Empurra-nos para um mundo em que os princípios, os valores e os ideais (tanto cristãos, como humanos e sociais) devem ser cultivados conforme as circunstâncias de cada pessoa, evitando-se assim uma aplicação generalizada dos mesmos.

Ante essa situação, o que podemos fazer? Basta que sejamos um testemunho vivo da Verdade com as nossas vidas (tomando como pilar a Pessoa de Jesus Cristo). Para levar a bom porto esse objetivo, é necessário fomentar previamente a relação contínua com Cristo. Só assim conseguiremos apresentá-l’O ao mundo.

Pois bem, ser um fiel cristão (especialmente a partir da juventude) ante a incompreensão de um mundo relativista não é fácil. O fato de ser um jovem de fé, capaz de crer apenas numa Verdade, rompe com os parâmetros da moda atual (a de ‘não crer em nada’ ou a de ‘crer em tudo’). Essa situação converte-nos muitas vezes em alvo de risos ou de chacotas pelo simples fato de quisermos seguir a Deus e amá-l’O com todo o nosso ser.

Em tais momentos, cabem duas opções:

- Continuar amando a Deus sob o olhar atônito da incompreensão dos que nos rodeiam.
- Unir-nos aos risos dos que corromperam a nossa essência.

Como jovem cristã, opto pela primeira solução. Sei que é a mais difícil e complicada. Seguramente, a que me vai ocasionar mais dor e mais lágrimas, mas amo a Deus e nunca renunciaria a esse sentimento autêntico, puro e sincero.

É verdade que, na atualidade, muitas pessoas (tanto jovens como adultas) não creem em Deus nem em Sua razão de ser, porém, por outro lado, há muitos jovens, leigos e religiosos(as), enamorados de Deus e ‘fazendo barulho’ por onde quer que vão (um barulho cheio de fé, de amor e de esperança).

Pessoalmente (e não é nada fácil), opto por essa tendência do ‘barulho’ do amor incondicional. Essa tendência que nunca sai de moda e que não se esgota como um bem fungível ou consumível. Por isso, convido a voltar ao coração e a despojar-se de qualquer indício de relativismo que possa oprimir o coração humano, para podermos assim avançar pela passarela da verdade absoluta.

Vai-se perdendo a inquietude pela busca, o entusiasmo por esse caminhar, o intrigar-se com saber mais e mais a respeito de quem deu Sua vida por todos e cada um de nós. O mundo necessita de ‘sonhadores da fé’, de ‘curiosos do amor de Deus’, de ‘magos capazes de irradiar luz por onde quer que passem’, de ‘aventureiros dispostos a tudo’. O mundo, jovem cristão, precisa de você (e dessa alegria que o caracteriza, dessa ‘loucura sadia’ capaz de movê-lo). Você embarcaria no trem da vida?

## **A COMODIDADE**

De mãos dadas com o ruído, aparece a comodidade (ambos costumam andar sempre juntos). Na atualidade, tende-se a não crer em nada. Crer acarreta buscar e buscar acarreta trabalhar. Para muitos jovens, é mais simples descansar e deixar o tempo passar. As coisas são porque são e não têm um porquê nem um para quê (tremendo erro é pensar assim). Uma frase de criação própria e de que gosto muito, e digo por onde quer que eu vá é: ‘as coisas não ocorrem por casualidade, mas por “deusalidade”’.

Convido vocês a que, a partir dessas simples linhas, tornam a fechar seus olhos por um momento e tentem apreciar a grandeza das suas próprias vidas. Deus está com cada um de nós a todo o momento. Só precisamos estender-Lhe a mão (a mão d’Ele está estendida desde sempre, esperando unicamente que alguém a aperte com força; esse alguém é você).

É certo que o normal entre muitos jovens é não crer e apenas tratar de desfrutar do momento, sem preocupações, interesses ou inquietudes. O que verdadeiramente importa é a diversão, o prazer do momento. Dessa forma, colocamos Deus em segundo plano (ou em terceiro, quarto, quinto...).

Em numerosos momentos de nossa vida, optamos pela chamada ‘fé de supermercado’, segundo a qual fico a escolher os ‘produtos’ de acordo com a minha conveniência. O perigo dessa fé é convertermos Deus, por sua vez, num ‘bem consumível’, do qual posso dispor quando/como e da maneira que eu quiser.

Essa moda é, contudo, efêmera (como tantas outras). A moda que Deus pretende implantar em nosso coração (mediante o instrumento da interioridade) é uma moda forte e que dura a vida inteira e para sempre. É uma moda que traz consigo uma magia especial, capaz de chamar a atenção de todos aqueles que nos rodeiam. Quando os demais puderem ver em nós essa alegria de sermos e de nos sentirmos filhos de Deus, certamente se unirão a esse estilo de vida.

O mundo de ruídos em que vivemos e de que fazemos parte, supõe grandes ameaças, e de incalculável valor, na vida dos cristãos (como, por exemplo, a perda da capacidade para interiorizar).

Ora, para que sejamos capazes de sentir essa experiência viva de fé e de encontro, é necessário que tenhamos sempre presente a Palavra de Deus. Para buscar essa interioridade de que tanto falamos, não é suficiente ir à Missa aos domingos e dias de preceito; não basta persignar-nos nem ajoelharmos diante do olhar alheio; não vale ler um pai-nosso ao deitar-nos e ao levantar-nos. Faz falta muito mais:

- Sentir em nosso coração a pulsação forte da Palavra de Deus e levá-la às nossas vidas.
- Amar O que habita em nosso coração. Simples assim, e complexo ao mesmo tempo.

## **A SUPERFICIALIDADE (NO QUE SE REFERE À NOSSA FÉ)**

Na sociedade do ruído, vale tudo e tudo é permitido. Não existem limites. Ir à Missa e escutar a Palavra de Deus enquanto estou pensando no que tenho que fazer amanhã, recitar uma oração como para demonstrar ao mundo a minha boa memória, levantar-me do banco para ir comungar quando, em meu coração, não fui capaz de perdoar-me a mim mesmo, celebrar a Eucaristia olhando continuamente o relógio, para ver quanto falta para terminar...

Não sei se já aconteceu com vocês (humanamente, imagino que sim), mas, às vezes, nós mesmos somos conscientes de onde é que se encontra o erro que temos de corrigir e, mesmo assim, nada fazemos para emendá-lo. Vamos à Missa todos os domingos, cantamos, escutamos as leituras, prestamos atenção à homilia do sacerdote (às vezes até caímos no erro de dizer ‘gosto mais deste do que

daquele'), professamos solenemente a nossa fé, comungamos... mas, quando saímos à rua, saímos renovados e empreendemos uma nova vida?

Às vezes mais nos preocupamos com as músicas que cantamos, se são animadas ou não, e nos esquecemos de cantar com a alma e o coração; escutamos as leituras, mas não escutamos o que Deus quer dizer-nos; respondemos forte e de forma segura ao sacerdote que preside a celebração, ainda que nos esqueçamos de ser fiel reflexo do louvor; comungamos, mas somos incapazes de sentir Deus dentro do nosso ser. Devemos continuar assim?

Como jovem cristã, não quero viver a minha fé sem esse encontro com Deus. Para mim, pessoalmente, tudo gira ao redor d'Ele e é precisamente n'Ele que eu encontro luz e esperança. Cada Missa deve ser um momento único, motivo de uma verdadeira festa em nosso interior.



*A Eucaristia está repleta de grandes momentos e gestos, mas, para Deus, o mais importante é que, naquele preciso momento (assim como no seu dia a dia), você seja capaz de fomentar aquele encontro consigo mesmo e com Ele.*

A Eucaristia está repleta de grandes momentos e gestos, mas, para Deus, o mais importante é que, naquele preciso momento (assim como no seu dia a dia), você seja capaz de fomentar aquele encontro consigo mesmo e com Ele. Para Ele, que você cante bem ou que desafine não é importante; que vá à igreja mais ou menos elegante, é irrelevante; que leia melhor ou pior que outro é uma bobagem.

Ele simplesmente quer encontrar-Se com você, tal qual você é, com suas debilidades e fortalezas.

A fé sem interioridade é uma fé débil e sem sentido. A prática tem de ir acompanhada pelo sentimento.

Um exemplo bem corriqueiro, que pode ajudar-nos a entender isso é o seguinte: pensemos num casal de namorados que se amam muito. Ambos desejam, com certo nervosismo e entusiasmo, que chegue o dia em que se vão encontrar, para poderem ver-se e, simplesmente, ficar juntos. Em muitas ocasiões, as palavras são desnecessárias; basta saber que a outra pessoa está ali.

Algo similar acontece em nossa relação com Deus. Ele é completamente apaixonado por nós e vive com o desejo contínuo desse encontro interno. Não é preciso que Lhe digamos coisa alguma. Ele só deseja abraçar-nos e que possamos ser capazes de sentir que está aí, junto a nós.

## **APESAR DE TUDO, É POSSÍVEL**

Além desses seis ruídos que enumerei, como principais na vida de todo jovem cristão, existem, com certeza, muitíssimos mais. Tratar de buscar esse silêncio em si mesmo, que fomenta o encontro vivo com Deus, como já mencionei anteriormente, não é fácil, mas curiosamente é sempre possível.

Muitos jovens, mais ou menos da minha idade, colocam-me, em diversas ocasiões, a questão da impossibilidade de dar vida a esse encontro com Deus, porque não sabem como fazê-lo nem como aprender a fazê-lo. Eu costumo responder-lhes: ‘Alguém ensinou você a amar? Não; e, apesar disso, você ama. Então, você tem medo de quê? Deus só quer que você se deixe amar por Ele, pois Ele, eu asseguro, já o ama’. A expressão ‘aprender a falar com Deus’ refere-se a algo que não existe. O encontro com o Pai não é algo que se aprenda, mas que se sente.

Outro exemplo simples para explicar esse ponto seria o seguinte: quando nascemos e somos pequeninhos, ninguém nos ensina a amar nem a demonstrar amor. Vamos experimentando em nosso ser esse sentimento e a necessidade de exteriorizar o que internamente sentimos. Às vezes, um sorriso apenas, uma olhar afetuosos ou um mero abraço a um pai/mãe é mais que suficiente para que alguém se sinta amado. Não existe um colégio para aprender a entabular essa comunicação entre filho e pai e entre pai e filho. É algo que surge de forma espontânea, até que, um dia (e quase sem perceber), você acaba dando vida a um diálogo fluido e natural com aqueles que lhe deram a vida.

Exatamente a mesma coisa acontece em nossa relação com Deus. Ninguém pode ensinar-nos a fórmula mágica para interiorizar. É algo que cada um de nós precisa experimentar por si mesmo através do amor incondicional. Reserve-se um tempo, procure esse silêncio, escute-se a si mesmo e escute. Os caminhos da interioridade e da contemplação são toda uma aventura cheia de grandes momentos.

Certa vez, um religioso agostiniano recoleto disse-me que a oração mais bonita consiste em apresentar a Deus tudo o que a gente faz. Pois bem, curiosamente, muitas vezes oramos sem o saber. Isso não é lindo? Temos de dar-nos conta de que não devemos tanto buscar o momento, mas de que vivemos o momento, o que é bem diferente.

Ao contrário do que podem pensar muitos, a contemplação não se circunscreve ao silêncio rotundo. Transcende-o. É capaz até de fazer-se presente nos momentos de maior ruído ou de escândalo (daí o motivo do título deste artigo). Basta abrir o coração a esse encontro vivo. A partir daí, nada é impossível para Deus e tudo é possível no amor de vocês.

Há muitos jovens cristãos que, entretanto, não tiveram ainda a sorte de experimentar essa necessidade de oração, nem tampouco sabem como fazer para dar vida a essa interioridade. Ante tal situação, cabe perguntar-se o que podemos fazer nós, como jovens cristãos. A resposta a essa pergunta foi-nos dada pelo próprio Papa Francisco, quando disse aos jovens cristãos na JMJ do Rio:

Para onde Jesus nos manda? Não há fronteiras, não há limites: envia-nos para todas as pessoas. O Evangelho é para todos, e não apenas para alguns. Não é apenas para aqueles que parecem a nós mais próximos, mais abertos, mais acolhedores. É para todas as pessoas. Não tenham medo de ir e levar Cristo para todos os ambientes, até as periferias existenciais, incluindo quem parece mais distante, mais indiferente. O Senhor procura a todos, quer que todos sintam o calor da Sua misericórdia e do Seu amor.

Como jovens cristãos à procura dessa contínua interioridade, eu convido vocês a valorizar a oportunidade que se nos brinda de mostrar a quem nos rodeia os caminhos e passos firmes para viver a fundo a nossa espiritualidade. A interioridade e a contemplação não são senão a oração ininterrupta da alma. E isso é algo que você, a partir do seu simples querer, pode conseguir sem maiores problemas, acredite em mim.

Para uma interioridade autêntica e fiel, devemos ser capazes de sentir a presença de Deus através das coisas mais cotidianas. Si conseguirmos esse objetivo, será exatamente aí que começará a nossa primeira experiência de contemplação e de oração.

Nesse trabalho da alma, é necessária a presença do Espírito Santo (encarregado de mostrar-nos a necessidade de abirmos a porta do nosso coração a essa interioridade espiritual). Muitas vezes, ante nossos medos e a tentação de fugirmos de nós mesmos, o Espírito decide dar-nos um pequeno empurrãozinho



em direção ao nosso coração. Uma vez dentro de você, você se torna o verdadeiro e único protagonista de seu amor por Deus.

### **PALAVRAS FINAIS**

Quisera terminar este, que poderia considerar-se um monólogo interior, pedindo desculpas caso não tenha sabido expressar com palavras o que sinto no mais profundo do meu ser. Às vezes, é complicado encontrar as palavras apropriadas ou o recurso linguístico exato. Mesmo assim, espero ter conseguido chegar (ainda que tão só um pouquinho) a cada um dos corações de vocês. E tê-los feito pensar com eles.

Agradeço pelo tempo e pela dedicação a mim dispensados, pois não deve ser nada fácil ler tantas páginas sobre interioridade, guiados pela mão de uma simples jovem cristã (a quem ainda falta muitíssimo para viver, experimentar e aprender). Obrigada de coração.

Ao modo de convite, acrescento que esta serve (a partir de sua imperfeição e pequenez) quer amar a Deus em tudo o que faz em sua vida, por insignificante que possa parecer. E você, querido leitor? Anima-se a enamorar-se loucamente de Deus?

Eu sabia! Sabia que você diria que sim! ;)

María Isabel García Moreno  
Juventudes Agostinianas Recoletas  
Granada – Espanha



ORDEM DOS AGOSTINIANOS RECOLETOS  
INSTITUTO DE ESPIRITUALIDADE E HISTORIA